



## CAPÍTULO 9

# A importância da música na integração do processo ensino – aprendizagem, a suavidade e o aprender – Cantar é construir<sup>1</sup>

*Glaciene Januário Hottis Lyra<sup>2</sup>*

---

1 Artigo desenvolvido no âmbito das aulas de Ludicidade, na UEMG, unidade Carangola.

2 Escritora e mestra em teologia, educação e religião pela UFRGS. Psicanalista e psicopedagoga clínica e hospitalar. Professora e coordenadora de extensão na UEMG, unidade Carangola, entre 2014 e 2017. E-mail: hottislyra@gmail.com.

## Introdução

Quando um bebê nasce, seu cérebro é uma confusão de neurônios que aguardam para serem entrelaçados na intrincada tapeçaria da mente. São circuitos não programados, puros, com um potencial quase infinito, que um dia poderão compor músicas. Se os neurônios forem estimulados, se conectarão com outros e passarão a fazer parte da circulação do cérebro. Sem estímulos, poderão morrer. São as experiências da infância que determinam quais neurônios serão desenvolvidos e quais habilidades serão aprimoradas.

Segundo Stefani (1987), estudiosos perceberam que a prática musical faz com que o cérebro funcione. De acordo com eles, se o contato com a música for feito por apreciação – isto é, simplesmente ouvindo com atenção e propriedade (percebendo as nuances e forma da composição) –, os estímulos cerebrais tornam-se bastante intensos. Então, para a música contribuir com os estímulos cerebrais não é necessário, nem obrigatório, tocar algum tipo de instrumento musical. Ao mesmo tempo em que ela possibilita essa diversidade de impulsos, também pode, por seu caráter relaxante, estimular a observação e facilitar a aprendizagem.

Uma vez estabelecidas as conexões entre os neurônios, existem limites de tempo, chamados “períodos críticos”, para a capacidade do cérebro de criá-los por si próprio. São janelas de oportunidades que a natureza abre, antes do nascimento, e que depois se fecham uma a uma. Isso não quer dizer que só há aprendizagem nesse momento, mas que ela ocorre mais facilmente (ROSA, 1990).

A habilidade de resolver cálculos matemáticos e a lógica desenvolvem-se do nascimento aos quatro anos. Observa-se que crianças cujas mães falam mais com elas nesse período possuem vocabulário maior que as que têm contato com pessoas mais taciturnas. Aulas de

## A importância da música na integração do processo ensino-aprendizagem, a suavidade e o aprender – Cantar é construir

música nesse período podem ajudar no desenvolvimento de habilidades espaciais.

Do nascimento aos 10 anos desenvolve-se a linguagem. Os circuitos do córtex auditivo, representando os sons que formam as palavras, são conectados por volta dos 2 anos, mas o vocabulário infantil continua crescendo após essa fase. A introdução de uma segunda língua nesse período permite que a criança a domine perfeitamente (ROSA, 1990).

O cérebro musical se desenvolve dos 3 aos 10 anos. Nesse estágio, há a necessidade de cantar música para as crianças: melodias estruturadas e, principalmente, clássicas. Se ela demonstra aptidão ou interesse musical, deve-se estimular o aprendizado de um instrumento o mais cedo possível. Assim, o ensino fundamental coincide com o período em que a mente infantil está aberta à aprendizagem musical.

Trabalhar música em sala de aula contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional. E, além disso, a criança que tem oportunidade de fazer experiências musicais amplia sua forma de expressão e de entendimento do mundo em que vive, desenvolvendo o pensamento criativo. O uso da música em escolas tem revelado sua importância para auxiliar no desenvolvimento infantil. Através de canções, a criança vive, explora o meio circundante e cresce do ponto de vista emocional, afetivo e cognitivo. Também a ajuda a criar e recriar situações que ficarão gravadas em sua memória e que poderão ser reutilizadas quando adulto.

Segundo Abramovich (1997), a música tem o poder de integrar pessoas de diversos níveis, gerações e etnias, pois seu apelo social não reconhece cor, raça, religião ou nível social. Ela se coloca como instrumento social forte e a socialização da criança está ligada intimamente a ela.

A rigidez da escola cerca o cotidiano do aluno, levando-o a se tornar mero executor de tarefas, distanciando-o da realidade exterior e silenciando sua individualidade. A generalização leva à uniformização de hábitos, informações e preferências. Todos passam a fazer parte da homogeneização cultural, devido à proximidade de certos produtos, inclusive a música, veiculados pelos meios de comunicação.

A escola precisa compatibilizar-se com as necessidades dos estudantes, tornando as atividades musicais mais interessantes, significativas e atraentes. Não adianta reformular ou complementar programas de ensino, se a didática e a metodologia na prática continuam desatualizadas, se limitando a transmitir os conhecimentos em aulas expositivas de maneira fastidiosa. É necessária uma nova concepção de aprendizagem que se desloque para uma organização não linear dos conteúdos, deixando os alunos interagirem com o meio social por meio das relações estabelecidas com o professor e a classe.

Para Dalben (1991 apud LOUREIRO, 2004, p. 67):

O aluno submerso na escola com uma malha de conteúdos e metodologias desconexos, submerso num espaço onde nada escolheu, nada discutiu e onde nunca ninguém o ouviu, se vê repleto de aulas, de concepções de educação contraditórias, onde uns digladiam-se com outros em busca também de espaços próprios.

De acordo com Ferreira (2001), fazemos parte de uma organização de vibração chamada natureza, cujo compositor é assunto a ser tratado por teólogos ou religiosos. A questão aqui é vibração e som, afinal considera-se som tudo aquilo que soa e emite vibrações. Os sons são capazes de orientar movimentos no ambiente e tudo que nele está. Por exemplo, mesmo de olhos fechados é possível perceber

o que está ocorrendo ao redor, por meio da audição e da percepção (BEYER, 2005).

É importante que todos possam começar a compreender e a utilizar a música não apenas em sala de aula, mas também em seu cotidiano, pois a música contextualiza a vida das pessoas. E, através dela, tentamos expressar aquilo que realmente sentimos, por isso, damos razão à antiga máxima: “quem canta, seus males espanta”.

Assim como não podemos ignorar o gosto musical dos alunos, não podemos negar-lhes a possibilidade de ampliar seu repertório. Desse modo, professores e estudantes devem buscar um consenso ao selecionar as canções a serem reproduzidas ou tema a ser abordado em sala de aula, pois esse tipo de ensino-aprendizagem envolve conscientização e disposição para esclarecer a real proposta da educação musical. Além disso, sempre que necessário, deve-se fazer a revisão periódica de seus pressupostos, que precisam, antes de tudo, estar em sintonia com as necessidades, expectativas e formação integral do aluno.

Docentes, em geral, não relutam em aceitar estímulos diferentes ou até mesmo avessos aos seus, porém têm problemas em se deter diante de uma questão não resolvida que precisa ser trabalhada e aprofundada. Na prática escolar, encontram-se dois mundos em polos opostos, um que representa desejos e atitudes característicos do mundo “intocável” vivenciado pelos alunos, e outro relacionado ao que é considerado “adequado” pelos professores.

A música popular do cotidiano da criança deve ser utilizada em sala de aula e respeitada, isto é, não deve ser ignorada pelo professor e, sim, privilegiada por ele. É comum que a educação desprezasse esse estilo musical, porém trabalhar com o que o aluno gosta é uma forma de trazer motivação para o processo ensino-aprendizagem. Desse modo, deve-se buscar uma prática educativa cujos conteúdos

e métodos respeitem os interesses de estudantes e da comunidade onde vivem e constroem suas experiências.

Então, a escola deve oferecer música popular, clássica, de massa, folclórica, de vanguarda, religiosa, entre outras denominações que reforcem a pluralidade do universo musical. Ou seja, deve-se oferecer uma variedade cultural para que os alunos possam escolher o que mais lhes interessar.

Para Ferreira (2001), o educador que utiliza músicas infantis em sua metodologia consegue uma alfabetização mais rápida, pois a letra da música com sílabas repetitivas e rimadas pode estimular a criança. Assim, diante dessa educação musical, melhora-se o entendimento do significado das palavras e, ainda, pode-se desenvolver a coordenação motora a partir dos gestos. Além disso, o nível de escolaridade e a criatividade musical são estímulos para os progressos econômicos, sociais e políticos em diversos casos.

## **A criança, a música, a sociedade e a escola**

Toda criança gosta de música, desde a mais lenta canção de ninar que embala o sono do bebê até a música agitada para dançar. A música para ser cantada, tocada ou dançada é um ótimo recurso didático para pais e professores. Conviver com ela desde cedo pode ser um caminho para um crescimento mais forte e saudável, com consciência das potencialidades intelectuais, cognitivas e emocionais. Por isso, é importante dar aos jovens a oportunidade de participar de um grupo que estuda e prepara o desenvolvimento musical.

As crianças, ao nascerem, são acolhidas por canções de ninar, parlendas e móveis musicais, que podem tornar até seu sono mais tranquilo. Na infância, principalmente na idade escolar, nossa cultura propicia um esquema de como uma canção deveria ser, produzindo

## A importância da música na integração do processo ensino-aprendizagem, a suavidade e o aprender – Cantar é construir

melodias ouvidas ao seu redor de maneira razoavelmente precisa. Porém, exceto entre crianças com grande talento musical ou que tenham oportunidades, o desenvolvimento musical adicional é insuficiente depois que se iniciam os anos escolares (ROCHA, 2000).

Nada melhor que as cantigas de roda para facilitar a socialização, o raciocínio lógico, a linguagem verbal, a coordenação motora, a linguagem do corpo, a identificação da realidade e a interação com o ambiente, pois estimulam a lateralidade, o reconhecimento das cores e dos números (JEANDOT, 1993).

Música é arte, e libertar-se da técnica é importante. Assim, o professor deve incentivar a interação com a música, deixá-la fluir, improvisar e brincar com os sons vocais e instrumentais que trazem encantamento e possibilitam descobertas para crianças, jovens e adultos, utilizando-a como estratégia que promove o bem viver. Também, ela contribui para um ambiente mais alegre, proporcionando receptividade aos alunos em sua chegada, e oferece um efeito calmante após períodos de atividades físicas mais intensas ou em momentos de tensão, por exemplo, avaliações (LOUREIRO, 2003).

Antes de nascer, o bebê já entra em contato com sons do mundo exterior, a ciência comprova que o feto sente vibrações. Assim sendo, o que uma mulher grávida ouve, fala ou canta seu feto ouvirá. Ele sente cada vibração, e isso pode acalmá-lo ou agitá-lo. E depois do nascimento esse sentido aumenta de intensidade e o acompanhará por toda a vida.

A partir disso, tem-se a percepção de que o ritmo começa a fazer parte de seu mundo já na infância. Sacudir ou bater seus brinquedos e andar são os primeiros exemplos inconscientes de ritmo.

Segundo afirma Correia (1975, p. 302), “a finalidade da música é expressar sentimentos, emoções e, também, manifestar impressões”.

Ela pode nos alegrar ou entristecer, os sentimentos ou emoções provocadas pela música podem ser muito fortes. Adultos e crianças têm possibilidade de sentir-se tocados pela música, chegando a chorar ou até mesmo sorrir ao ouvi-la. Por ser profundamente sensível, a criança reconhece índices emocionais na estrutura musical e essa percepção aumenta durante seu desenvolvimento. Mas a influência da música não consiste apenas no emocional, pois ela produz reações fisiológicas cujas amplitudes dependem do conteúdo emocional. O medo e a alegria suscitam uma forte reação cutânea – a transpiração. As músicas com andamento rápido e forte, com muita dinâmica musical, podem provocar tal reação física.

O cérebro aprende a processar as estruturas musicais somente ouvindo uma melodia. O bebê reage ao ouvir um som mais agudo procurando-o ou até denunciando surpresa, mamando mais rapidamente. Por isso, o professor, ao expor a criança a diferentes sons e ritmos, estará estimulando sua mente, auxiliando no processo de aquisição das estruturas cerebrais necessárias para uma melhor apreciação musical.

Além disso, a música pode ser utilizada de forma específica, por exemplo, como auxílio na recuperação e manutenção da saúde mental, no caso da musicoterapia. Usando instrumentos simples e o próprio corpo, o musicoterapeuta pode ajudar a vencer traumas, medos, dores, estresse e inquietações. Existem, inclusive, projetos com crianças em situação de rua que têm obtido êxito.

O preconceito de que é preciso ter dom para fazer música não tem razão de existir. Qualquer pessoa pode aprender música e se expressar através dela, desde que sejam oferecidas condições necessárias para a sua prática. Entretanto, assegurar um lugar para as atividades musicais no contexto escolar não tem sido tarefa fácil e, em geral, se restringe à educação infantil, desaparecendo do currículo nos anos posteriores. O desafio, portanto, é promover, de modo democrático e



amplo, uma educação de qualidade para a escola regular de ensino básico (CORREIA, 1975).

Sabemos que, efetivamente, essas práticas pedagógicas não estão ao alcance de todos, por isso, muitas vezes, a escola prioriza alunos que já possuem uma educação cultural e socialmente diferenciada, vindos de uma classe social mais culta, tornando o ensino elitista. Há também casos em que as crianças não gostam de aula de música. Essas reações adversas podem ser atribuídas a algum tipo de discriminação ou outras situações enfrentadas durante a escolarização, por exemplo, afirmações de falta de talento ou professores que priorizam a teoria musical (domínio da leitura e escrita de notas musicais) antes da introdução ao mundo sonoro, ignorando qualquer conhecimento anterior dos estudantes.

Um exemplo dessa questão é o fato, bem comum, de que as crianças entre seis e oito anos sabem os nomes de diversos instrumentos musicais, mas não os associam ao objeto. Portanto, antes de entrar em qualquer conteúdo específico, é necessário conversar com os alunos para tentar descobrir o que eles já sabem, o que percebem e quais ideias têm sobre o assunto.

Lidar com os desafios que se apresentam no dia a dia do processo ensino-aprendizagem é o cotidiano de professores em todas as escolas, pois se apresentam questões como a melhor maneira de ensinar conteúdos que os alunos têm mais dificuldades e como atrair a atenção das crianças e auxiliá-las a aprender cada vez mais. Há a necessidade de proporcionar aulas dinâmicas, mais interessantes, prazerosas e de qualidade, de forma a ajudar no processo da aprendizagem sem deixar de lado espaço para invenção e criatividade pessoal. A música é lúdica e estimula a construção do conhecimento e pode ser uma das ferramentas para superar dificuldades.

Para Ferreira (2001), as crianças tendem a gritar quando brincam ou discutem entre si, ou seja, tentar controlá-las também é um desafio para o professor, e o ideal é procurar mecanismos que chamem atenção sem competir com os alunos. Silenciar as crianças é importante antes de qualquer atividade que exija concentração ou tenha relação com coordenação motora, lateralidade e orientação espacial e temporal. Esses conceitos são pertinentes à psicomotricidade, área que estuda o movimento com o qual a criança se relaciona com o mundo, transmite suas emoções e descobertas. Trabalhar com movimentos pode proporcionar prazer à criança e conferir um sentido lúdico às atividades. Entretanto, ao pensar nesses temas como tópicos a serem estudados pelos alunos, aparecem desafios: como levá-los a tomar consciência desse movimento? Como reconhecer o pulso e o andamento de uma canção e não os perder mesmo durante pausas?

## **Desafios para ensinar e aprender com a música na sala de aula**

Vivenciar uma sala de aula e lidar com desafios que se apresentam no dia a dia no processo ensino-aprendizagem é o cotidiano dos professores em todas as escolas. Ao desempenhar tal tarefa, eles se veem diante de várias questões e algumas delas são como ensinar melhor o conteúdo que os alunos têm mais dificuldade para aprender e quais desafios propor fim de atrair a atenção das crianças e auxiliá-las a aprender cada vez mais. Há necessidade de proporcionar aulas dinâmicas, mais interessantes, prazerosas e de qualidade que ajudem no processo de aprendizagem sem deixar de lado o espaço para invenção e a criatividade pessoal.

Segundo Souza-Silva (2000), a música também deve ser estudada como matéria em si, como linguagem artística, forma de expressão e bem cultural. A escola deve ampliar o conhecimento musical do aluno,

## A importância da música na integração do processo ensino-aprendizagem, a suavidade e o aprender – Cantar é construir

criando oportunidades para convivência com diferentes gêneros musicais e estilos e proporcionando momentos de análise reflexiva, de maneira a permitir o desenvolvimento de senso crítico. É importante que as crianças tenham acesso à música, a despeito de seu ambiente sociocultural de origem.

A música é uma linguagem capaz de comunicar sentimentos, pensamentos e sensações. Está presente em todas as culturas e faz parte da educação há muito tempo (LOUREIRO, 2003). Melhora a aprendizagem de todas as matérias e ajuda a entender que nem tudo na vida é quantificável, assim como exalta o espírito humano, proporcionando bem-estar em todas as fases de sua vida. Também, segundo Brito (2003), pode contribuir para melhorar a memória, fixar conceitos e aprender com prazer. Além disso, pode acalmar crianças hiperativas e auxiliar na recreação. Diante do exposto, é possível afirmar que musicalizar é um processo que completa o desenvolvimento infantil, que vai ao encontro dos interesses de pais e professores e proporciona benefícios (SOUZA-SILVA, 2000).

Hoje em dia, o aprendizado musical apresenta às crianças sons e ritmos por meio de jogos e recreação, pois aulas de música como um tormento, onde os símbolos musicais apareciam como garatujas que apenas representavam som e ritmo, já não são mais usuais (LOPES, 2000).

Através da música o educador pode explorar e desenvolver características no aluno, uma vez que esse aprendizado envolve ouvir, fazer, entender, apreciar, compor, improvisar e praticar. O processo é longo e contínuo e depende de paciência, observação e, principalmente, de muito interesse do professor para vencer os desafios do dia a dia na sala de aula.

## O papel do professor

O educador precisa encontrar estratégias e recursos para estimular a vontade de aprender, deve motivar a criança. A metodologia musical deve envolver pesquisas sobre ritmo, melodia e harmonia, facilitando o entendimento dos sons. Com isso, privilegiar o trabalho com a música na educação infantil auxilia as crianças em seu desenvolvimento, amparando-as para, primeiramente, quebrar o preconceito de que não sabem cantar ou não têm ritmo. Assim, o papel do professor é desenvolver o gosto pela música e despertar a criatividade, ou seja, ele deve dar espaço e permissão, sem censuras ou críticas, para evitar bloquear as manifestações artísticas dos estudantes ou impedi-los de se arriscar (LOPES, 2000).

A mediação do professor é essencial, pois, como formador de conhecimentos, ele deve ajudar as crianças no conhecimento e aprimoramento da linguagem musical. Para Vygotsky (1998), ele pode fazer papel de mediação, intervindo na zona de desenvolvimento proximal de modo a possibilitar o desenvolvimento potencial, a partir dos conhecimentos já internalizados na interação do estudante com o ambiente e com os outros. A partir desse ponto de vista, o papel do professor é de fundamental importância, e a linguagem musical é uma forma de expressão mediadora. Entretanto, a intermediação da cultura musical não se constitui em privilégios do educador, pois as relações da criança com outras pessoas mais experientes na área musical auxiliam a internalização dos processos intersíquicos que vão se tornando intrapsíquicos à medida que ela amadurece.

No livro *Música na Educação Infantil*, Brito (2003) expõe uma visão da música não como um objeto funcional, mas como um ambiente importante para o desenvolvimento do ser humano. Ela não deve ser vista só como divertimento e sim passar a atuar como elemento para o aprendizado, estímulo da percepção e desenvolvimento das

linguagens. Para entender música, é indispensável que a criança primeiramente estabeleça esse conceito. Segundo a autora, entender gestos e movimentos sob o formato de oscilações sonoras é parte de uma consciência sobre o mundo em que vivemos. A partir disso, pode-se perceber a paisagem sonora e um mundo musical.

Utilizando essa metodologia, o educador deve apresentar a música como forma de linguagem, não se esquecendo das raízes culturais. É através da linguagem musical que podem ser expressados sentimentos e pensamentos, entre o som, o silêncio, a voz, o ritmo e o movimento.

Ao cantar, o professor deve produzir sons vocais diversos por meio de imitação de ruídos ou de animais, utilizando o seu próprio corpo, batendo palmas e batendo os pés, pois assim estará contribuindo para o desenvolvimento da percepção e atenção das crianças. É necessário ter cuidado para evitar que o excesso de gestos, durante a execução de uma melodia ou em jogos e brincadeiras cantadas, distraia os alunos e faça com que parem de cantar, contrariando sua tendência natural de integrar a expressão musical e corporal.

## **Considerações finais**

A música está presente na vida do ser humano e é uma das mais importantes formas de expressão, por isso, faz parte de todas as culturas, apresentando-se em festas, comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas e políticas.

Diversas áreas do conhecimento podem ser estimuladas com a prática da musicalização na educação infantil. De acordo com essa perspectiva, a música é concebida como um universo que transborda a expressão de sentimentos, ideias e valores culturais e que facilita a comunicação do indivíduo com ele mesmo e com o meio em que vive.

Além disso, ela pode ser considerada um agente facilitador do processo educacional, auxiliando no desenvolvimento humano, físico, mental, social, emocional e espiritual. Assim, faz-se necessária a sensibilização dos educadores para as possibilidades da música de oferecer bem-estar e conhecimento das potencialidades dos alunos, pois ela fala diretamente ao corpo, à mente e às emoções.

A presença da música na educação infantil colabora com a percepção, estimula a memória e a inteligência. Ainda, se relaciona com habilidades linguísticas e lógico-matemáticas, ao instigar procedimentos que ajudam os alunos a se conhecerem e se orientarem melhor no mundo. Além disso, a música também vem sendo utilizada como maneira de despertar noções de respeito e consideração pelo outro, abrindo espaço para outras aprendizagens.

Esse trabalho com música tem influência positiva no processo de ensino e aprendizagem, porque sua receptividade é grande junto às crianças. É um excelente coadjuvante para o educador, desde que ele saiba utilizá-la da forma adequada, relacionando-a com cada um dos objetivos propostos. Isto é, não existe uma receita pronta para se obter êxito com as atividades musicais, pois depende de esforço e competência. Dessa forma, para utilizar a música como metodologia, o educador deve gostar de música, ela precisa ser significativa para ele e para as crianças.

Introduzir a música nas atividades escolares possibilita uma aprendizagem mais prazerosa, sem sofrimento para a criança e um ensino cujos resultados mais eficazes aumentam o nível de satisfação dos professores.

## Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione. Coleção pensamento e ação no magistério, 1997.
- BEYER, Esther (org.). **O som e a criatividade**. Reflexões sobre experiências musicais. Santa Maria: UFSM, 2005.
- BRITO, Teca Alencar. **Música na educação infantil**: proposta para a formação integral da criança. 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.
- CORREIA, R. M. C. M. M. **Contextos formais de educação e desenvolvimento da criança – contributos para a educação pré-escolar**. Universidade Nova de Lisboa, 1975. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/290/1/correia\\_1993.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/290/1/correia_1993.pdf). Acesso em: 14 jul. 2020.
- FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- JEANDOT, N. **Explorando o universo da música**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- LOPES, E. M Teixeira (org.). **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOUREIRO, Joaquim. **Gestão do conhecimento**. Lisboa: Centro Atlântico, 2003.
- LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. A educação musical como prática educativa no cotidiano escolar. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 65-74, mar. 2004. Disponível em: [http://www.abemeducaacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed10/revista10\\_artigo9.pdf](http://www.abemeducaacaomusical.com.br/revista_abem/ed10/revista10_artigo9.pdf). Acesso em: 13 jul. 2021.
- ROCHA, E. A. C. A formação dos professores de educação infantil: perspectivas indicadas na produção acadêmica brasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL OMEP, 2000, Rio de Janeiro. Anais do Congresso Internacional da OMEP. **Infância Educação infantil: Reflexões, para o início do século**. Rio de Janeiro, 2000, p. 223-234.
- ROSA, L. S. S. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.

SOUZA-SILVA, J. C. **Aprendizagem organizacional:** Desafios e perspectivas ao desenvolvimento de comunidades de prática. Salvador: Editora Conhecimento Superior, 2000.

STEFANI, Gino. **Para entender a música.** Rio de Janeiro: Globo, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **La imaginación e la arte em la infancia.** Madrid, Akal, 1998.

## Leitura complementar

ALMEIDA, Theodora Maria Mendes de (coord.). **Quem canta seus males espanta.** São Paulo: Editora Caramelo, 1998.

BEAL, Ana Rosa; THIESSEN, Maria Lucia. **Pré-escolar, tempo de educar.** São Paulo: Ática, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Conhecimento de mundo. Brasília, MEC/SEF 1998.

CARVALHO, Monica Fontanari. **Pré-escola da música:** musicalização infantil. Rio de Janeiro: Ática, 1987.

COOL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo Arte.** São Paulo-SP: Ática, 2000.

KARBUSICKY, Vladimir. **Grundriss der musikalischen Semantik.** Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft. Tradução não publicada de Esther Beyer, 1986.

LOUREIRO, Alcía Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental.** 7. ed. Brasília: Papyrus, Ministério da educação FNBE do professor, 2010.

MEDEIROS, Ana Elisa Gonçalves de Oliveira. **Música:** Soluções para dez desafios do professor. 1º ao 3º ano de ensino fundamental. São Paulo: Ática, 2011. 96 p. (Nós da educação).